

A Marcha das Vadias: A Construção da Construção

Renata Maira Coraciara Stadtler

Resumo

O processo de construção coletiva dos movimentos sociais passa por um mar de discussões e problematizações de vários alcances e entendimentos. A Marcha das Vadias surge num momento de grande efervescência das redes sociais e de renovação no jeito de se fazer o Movimento Social. Os desdobramentos de como o movimento foi sendo conduzido e crescendo e se consolidando numa visão geral e especificamente na cidade de Recife, Pernambuco, Brasil. É possível compreender que a trajetória da marcha das vadias na capital pernambucana está fincada nas bases de um feminismo jovem e pulsante trazendo uma perspectiva arejada ao já atuante movimento feminista.

Palavras-chaves — Feminismo, Marcha das Vadias, redes sociais, Coletivo Marcha das Vadias Recife.

INTRODUÇÃO

A Marcha das Vadias surgiu no mundo em 2011, no Canadá. Foi uma manifestação que gerou grande repercussão nas grandes e pequenas mídias de maneira rápida e impactante. A culpabilização da vítima, naturalizada numa cultura patriarcal e machista, não passou despercebida no caso que deu estopim ao que seria então a primeira Marcha das Vadias do mundo. Em janeiro de 2011, na Universidade de York, um policial, falando sobre segurança e prevenção ao crime, afirmou que “as mulheres deveriam evitar se vestir como vadias, para não serem vítimas de ataque”. Em reação a esta afirmação, em 3 de abril do mesmo ano aconteceu a manifestação batizada de *Slutwalk* que no Brasil ficou conhecida como Marcha das Vadias e em outros países da América Latina *Marcha de las Putas*. [1]

Tais movimentações tiveram grande adesão do público feminino jovem e que não se identificava enquanto feministas. Essa falta de identificação com o movimento feminista está fortemente atrelada aos estereótipos negativos que envolvem o movimento. O número especial da revista *Veja* de 2006, intitulado “O que sobrou do feminismo”, reconhece que o feminismo foi motor de profundas mudanças na vida ocidental cotidiana, mas não tendo sido capaz de desfazer as grandes desigualdades de gênero, especialmente as que perpassam a divisão sexual do trabalho, teria perdido a capacidade de mobilizar mulheres. Em contraposição à noção de crise, algumas evidências são favoráveis aos argumentos que sustentam a vitalidade do feminismo contemporâneo. Pesquisa conduzida pela Fundação Perseu Abramo mostra que de 2001 a 2010 aumentou de 21% para 31% o contingente de brasileiras que se considera feminista. E metade das mulheres que se consideram ou não feministas tem visão positiva do feminismo, identificando-o com a luta por igualdade de direitos em geral (27%), por liberdade e independência das mulheres (26%) e por direitos iguais no mercado de trabalho (7%). A pesquisa mostrou ainda que as mulheres jovens são as que mais se declaram feministas. Quarenta por cento das jovens entre 15 e 17 anos, a faixa etária mais jovem da amostra se considera feminista, seguidas das jovens de 25 a 34 anos, com 37% de identificação, e, em último lugar, as mulheres maiores de 60 anos com 23%. [2]

Temos então o choque entre a imagem cansada do feminismo estereotipado e a nova cara do feminismo, que de tão massacrado tentou mudar de nome. Mas, mantendo a mira no desejo de uma sociedade equânime entre homens e mulheres e outras identidades de gênero, estamos sim falando de feminismo. O movimento pela vida plena das mulheres.

I. METODOLOGIA

Foi feita uma entrevista semiestruturada com uma das facilitadoras da Marcha das Vadias Recife que está na formação desde o início do que hoje se consolidou como Coletivo Marcha das Vadias Recife, facilitadora essa que pediu que não fosse identificada e sendo assim ela será identificada como “Facilitadora”. O assunto também é esmiuçado a partir de artigos sobre a Marcha das Vadias no Brasil. Com intuito de captar as impressões de quem constrói o movimento e de quem o vê de fora.

II. ATIVISMO DE SOFÁ

As redes sociais são responsáveis pela existência da Marcha das Vadias pelo mundo. O clamor das mulheres na luta contra a culpabilização da vítima vem de antes, mas a identificação das mulheres jovens com pautas que a tenra idade da maioria delas não conseguia alcançar foi crucial para a adesão ao movimento e para que pessoas fora da militância feminista tradicional tivesse conhecimento de tal manifestação.

Para a grande maioria das mulheres que nasceram nos anos 90, algumas pautas da luta do movimento feminista estavam “dadas”, não precisaríamos mais discutir sobre elas. Já tínhamos “direitos iguais”. A Facilitadora aponta que “para a maioria de nós, mulheres jovens, algumas falas do feminismo tradicional não faziam sentido, era difícil mensurar o caminho travado até o que hoje temos como verdades nas nossas vivências, quando nossas mães e outras mulheres já trabalhavam fora e votavam . Falar sobre esse tema parecia chover no molhado.” No entanto a Marcha das Vadias atingia um questionamento bastante sensível às mulheres jovens: a liberdade. Num mundo cada vez mais conectado, ser quem se quer ser, não cumprir padrões e exercer papéis tradicionalmente masculinos traziam dificuldades para as jovens que puderam ser explicadas pelas mensagens que a Marcha das Vadias trazia em seus cartazes e corpos pintados. Saber que o empecilho ao desenvolvimento individual era na verdade parte do mecanismo do patriarcado para controlar as mulheres foi um impacto na vida de muitas mulheres jovens. A Facilitadora comenta que “muitas meninas relatam que a Marcha das Vadias foi o primeiro contato com o feminismo, é um depoimento recorrente que nos motiva a continuar o ardo trabalho que é conduzir essa construção coletiva.”

Mas se grande parte das interações da Marcha das Vadias se dava nos meios virtuais, a sua construção e as problematizações acerca do movimento também tiveram grande parte dos processos desenvolvidos pelo meio virtual, para o bem e para o mal. Se por um lado a mensagem de empoderamento poderia chegar para mais meninas, mais longe também era verdade que o acesso à internet ainda é limitada e que o acesso à informações é privilégio de uma minoria branca, acadêmica e de classe média. Não demorou para que o movimento ficasse por muito tempo dentro do que se convencionou chamar de “bolha social”. Em pouco tempo as pessoas estavam falando entre si, praticamente falando sozinhas. As problemáticas não alcançavam minimamente o exterior e não alcançavam pessoas que com suas vivências teriam muito a contribuir nessa construção. Entre outras características, o ativismo de sofá tem seu maior ponto de vulnerabilidade nesse fato e o grande desafio é extrapolar o sofá de casa e assim aliar as forças da teoria com a ação.

III. MEU CORPO, MINHAS REGRAS

Para as gerações anteriores de feministas, a autonomia sobre o corpo aparecia atrelada às reivindicações pela descriminalização do aborto, pelo planejamento familiar e pela saúde da mulher. Para as gerações contemporâneas, o corpo assume um significado mais amplo. Ter autonomia sobre o corpo extrapola o tema do controle da reprodução e da saúde e a articulação de políticas públicas

correspondentes, e passa a se referir principalmente a um modo de experimentação do corpo que, embora não prescindia de transformações na política, na cultura e nas relações interpessoais, é vivenciado como subjetivo.

Assim, nas marchas, a sensualidade dos corpos é celebrada; os padrões de beleza feminina são questionados por corpos que reivindicam pelos e diferentes formatos; a menstruação é positivamente assumida. A nudez, importante instrumento de impacto nas marchas, parece condensar a um só tempo a capacidade de criticar as normas de gênero e de expressar este modo subjetivo de “libertação” do corpo.

A estética que se desenvolveu marcha das vadias afora foi mandatória para que a grande mídia virasse os olhos para ela. A questão da nudez feminina para usufruto da proprietária do corpo atingiria em cheio a sociedade hipócrita e cheia de pudores, a mesma que se utiliza da nudez das mulheres na festa mais conhecida e divulgada do Brasil, o carnaval. Mas não só a família tradicional brasileira revirou os olhos para as reivindicações das mulheres de seios nus, muitos grupos de mulheres dentro e fora do movimento social rejeitaram os métodos que foram se desenvolvendo ao longo dos anos nas marchas das vadias. Diante de tantas questões na luta das mulheres, em pauta há mais de cinco décadas, o direito de transitar com os peitos de fora parecia secundário. Era urgente igualar os salários, alcançar a licença paternidade e exercer uma maternidade com obrigações mais justamente divididas. A descriminalização e a legalização do aborto é ainda um caso de saúde pública, o número de mortes de mulheres em crimes de feminicídio não diminui e ainda não temos leis que funcionem com o mínimo de qualidade em casos de violência doméstica e entre tantas outras pautas, o corpo nu viria distrair o movimento de seu objetivo maior. No entanto normas de feminilidade, sexualidade, direitos reprodutivos e violência, dentre tantas outras questões centrais das mais diversas pautas feministas e de gênero, são ações cerceadas por tabus morais, e politizá-las é fundamental para alavancar as conquistas dos movimentos feministas a fim de potencializá-las.

IV. FEMINISMOS, NO PLURAL

“Hoje vivemos os ‘feminismos’. Sempre temos que falar no plural, pois este é um movimento marcado por uma dinâmica horizontal”, disse a pesquisadora Carolina Branco de Castro Ferreira, em entrevista ao *blog* Brasil Post. [3]

As mulheres são múltiplas e múltiplas são suas vivências. Na busca por uma sociedade justa para todas as pessoas é preciso que se façam recortes sem os quais não é possível enxergar as demandas específicas dos grupos observados. Sendo assim, nenhum movimento é capaz de alcançar todas as especificidades das fragilidades de cada grupo ou mesmo indivíduo. A importância de enaltecer e potencializar os feminismos é crucial para alcançar os objetivos pontuais, mas também combustível para abastecer as forças que lutam pelas mudanças estruturais que visam trazer mais equilíbrio nos direitos entre mulheres e homens.

Alguns pontos sobre esses feminismos ajudam a entender as divergências que temos dentro de um movimento que, embora esteja falando sobre um grande grupo, “as mulheres”, tem tantas pautas diferentes.

Temos, por exemplo, o Feminismo Negro que faz o recorte de raça para conseguir colocar no centro da discussão como os racismos deixam as mulheres negras ainda mais vulneráveis nas relações de poder entre as mulheres e o patriarcado, destacando que a condição das mulheres negras é a mais frágil em relação à mulher branca.

Ao falar de feminismos, então, não se objetiva separar as lutas, trata-se de destrinchar as particularidades para construir uma luta plural e de alcance mais vasto.

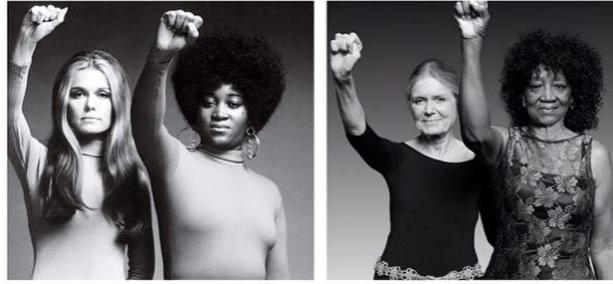


Fig. 1. Gloria Steinem e Dorothy Pittman-Hughes 1972 e 2014.

V. MARCHAS DAS VADIAS, NO PLURAL

O fenômeno Marcha das Vadias se espalhou no mundo de maneira quase que unificada. Pipocaram em vários cantos do planeta esse movimento que trazia o corpo como instrumento político. Uma expressão político-artístico que se difundiu rápido, muito principalmente, por causa das redes sociais.

A velocidade e a aparente unidade da Marcha das Vadias fez com que, por muito tempo e em muitos lugares, até hoje, se acredite que o movimento das vadias é integrado, quando na verdade, desde sempre, as marchas aconteceram independentes umas das outras, nas cidades em que ocorreram. Mantendo de comum apenas o nome e a estética. São sete anos desde a primeira Marcha das Vadias e de lá pra cá muitos desdobramentos modificaram a percepção das pessoas em relação ao movimento.

Essas percepções repercutem de maneira positiva e também negativa. Positiva quando reverbera nas mulheres e meninas e as fazem se identificar com as pautas feministas e negativamente quando, ao não alcançar pautas caras ao feminismo é acusada de superficial e pouco eficaz na difusão da mensagem.

Desde o primeiro momento a marcha das vadias recebeu críticas das mais variadas vertentes, sendo no Brasil, a questão em relação às mulheres negras uma das mais delicadas. Numa sociedade que vive com a vergonha de um passado escravocrata, mas do qual não se sente muito envergonhado.

O mesmo país em que, no mesmo ano da abolição da escravidão, foi elaborado um projeto de lei de combate à ociosidade que ficou conhecido com Lei da Vadiagem e punia as pessoas sem emprego formal e essas pessoas eram então as negras e negros que foram libertos, mas não recolocados na sociedade como trabalhadores, lhes restando as atividades informais e por consequência o maior número de encarcerados por tal lei. [4] Consequência que até hoje reverbera na realidade da população carcerária brasileira majoritariamente negra.

Fica simples entender o porquê de a tentativa da Marcha das Vadias de ressignificar o termo “Vadia” com intuito de empoderamento para as mulheres recebe as críticas das mulheres negras e do Feminismo Negro.



Fig. 2. Primeira marcha das Vadias do mundo – abril/2011. [1]

VI. MARCHA DAS VADIAS RECIFE, NO SINGULAR

No Recife, a Marcha das Vadias acontece desde 2011 e é uma das poucas cidades onde a Marcha ainda acontece desde então. Nos primeiros anos, de forma bastante espontânea, organizada por mulheres que não se organizavam coletivamente, mas se identificavam como feministas. Grupo composto em quase totalidade de mulheres bancas, instruídas e de classe média. Era então o perfil da Marcha das Vadias em quase todos os lugares. E foi assim até a Marcha das Vadias Recife 2013.

O movimento das vadias no Recife ganhou uma adesão muito significativa, com milhares de pessoas nas ruas, começaram a surgir demandas que extrapolavam o dia do evento Marcha das Vadias Recife e exigiam posicionamentos, participações, parecerias. Necessidades que surgiram ao longo dos anos, mas que não poderiam ser comportadas pelo movimento, que até então, era apenas uma evento anual organizado semanas antes de acontecer.

Tais demandas chegavam via redes sociais do evento e as pessoas estavam falando com a Marcha das Vadias Recife sem se darem conta de que não havia a quem se reportar e que inicialmente, mulheres que não se organizavam politicamente e não tinham experiência em ativismo e militância estavam responsáveis pela gestão das redes sociais do movimento “Marcha das Vadias” e que suas ações estavam restritas ao evento e apenas ao evento.

Ainda assim a reverberação da marcha extrapolou esses limites e não foi mais possível negar a necessidade de se organizar de maneira mais sistemática. Então, em agosto de 2013 formou-se o Coletivo Marcha das Vadias Recife.

Em sua carta política, postada no blog do coletivo, apontava os princípios pelos quais baseariam suas condutas. [5]

A Marcha das Vadias Recife é um grupo feminista, horizontal, plural e não partidário, que luta contra todas as formas de violência e opressão de gênero, sexo, raça e classe impostas às mulheres. Nossa pauta principal, no entanto, é a autonomia sobre nossos corpos e sexualidade e a não culpabilização das mulheres nos casos em que sofremos violência.

Estão presentes, aqui, diversos movimentos e coletivos feministas ou de mulheres que lutam juntas e formam a Marcha das Vadias Recife. Somos um grupo que fomenta espaços de debates e colabora com a construção de ações voltadas ao enfrentamento à violência contra as mulheres e a busca pela igualdade de direitos entre os gêneros.

Este espaço é plural e, assim, reconhecemos a importância de reafirmarmos nosso compromisso na busca pelos direitos de todas as mulheres: negras, indígenas ou brancas; travestis, trans ou cisgêneros; lésbicas, bissexuais ou heterossexuais; e todas aquelas que se sintam representadas pelas pautas feministas.

As componentes do coletivo entendiam que era fundamental que sua organização fosse horizontal e autogerida, então era muito importante que esse princípio ficasse claro. [5]

A Marcha das Vadias Recife é um Coletivo apartidário, mas não apolítico. Visto que o nosso objetivo não é personalizar ou conduzir a marcha de acordo com bandeiras de partidos políticos, defendemos que se destaque a bandeira da Marcha das Vadias. Tentamos com isso democratizar o espaço e fazer com que pessoas não partidárias sintam-se à vontade para compartilhar essa luta, pois entendemos que ela é coletiva e quem deve se destacar são as mulheres e suas reivindicações. Já que nosso movimento vai além de uma ação pontual de ir às ruas anualmente e caminhar contra a violência e o machismo, a partir de agosto de 2013 decidimos nos tornar um coletivo. Atuamos, ao longo do tempo, realizando diversas atividades em nome da Marcha das Vadias Recife e, a partir de um compromisso pela continuidade deste trabalho decidimos reunir forças em torno desse projeto que requer de todas nós um esforço colaborativo e o compromisso de seguir abertas ao diálogo, na construção de ações democráticas, coletivas e feministas.

Entre a demanda externa, a vontade de respondê-la e se consolidar como um Coletivo foram mais de 2 anos. De 2013 a 2015 o então coletivo contava com um número que variou de 6 a 3 mulheres.

Foi na Marcha das Vadias Recife 2015 que se tornou urgente que o Coletivo Marcha das Vadias Recife (CMVR) se organizasse e se apropriasse da grande responsabilidade que se tornou a Marcha das Vadias. Para além das exigências que a grandeza do impacto da marcha causava no cenário feminista recifense, um incidente de violência no trajeto da marcha trouxe à tona a magnitude do trabalho que estava sendo feito e a necessidade de colocar de maneira mais aberta quem eram o CMVR. A grandeza do evento fazia parecer que a organização era muito maior e mais articulada do que na realidade era e era preciso dividir essa carga para não perder a potência que a Marcha tinha alcançado de maneira tão orgânica até então.



Fig. 3. Marcha das Vadias Recife 2015. Foto: Suzanny Carvalho.



Fig. 4. Marcha das Vadias Recife 2016. Foto: TH.

VII. CONCLUSÃO

Os caminhos de construção coletiva são tortuosos. Em meio à construção do coletivo, o individual também se transforma. Em meio às demandas e causas tão urgentes é perigoso se perder no grande e esquecer o pequeno. As individualidades, o dia a dia, as palavras e os desdobramentos das ações individuais e coletivas são os ingredientes do desenvolvimento de qualquer trabalho, sobretudo o trabalho social. O que se faz para além do próprio bem-estar. A Marcha das Vadias, genericamente falando, trouxe um choque necessário para potencializar o trabalho que as mulheres vem fazendo interruptamente desde o início do movimento feminista. Esse choque, no entanto tem alcance limitado, mas limitado não quer dizer que é menos importante e relevante. Trazer às mulheres jovens a vontade de questionar os papéis em que foram colocadas sem serem consultadas é muito potente na construção do discurso de das vivências dessas mulheres.

Falando do Coletivo Marcha das Vadias Recife, a Facilitadora ainda ressalta que *“a tentativa de abarcar todas as demandas dos feminismos e suas especificidades, além de impossível, desgasta e pode esfacelar o trabalho já feito e os resultados alcançados.”* Um movimento fechado às críticas tem sua vida útil limitada e sua ação é pouco eficaz e relevante.

Estar aberto às críticas é crucial para que um movimento cresça amadureça e potencializa suas ações. Mas nada disso pode ser extremo. Ao não aceitar as críticas um movimento se engessa e ao aceitar todas um movimento não se consolida. Nas divergências de opiniões, métodos e visão de mundo uma coisa parece estar bem definida nos desejos de todas essas mulheres que constroem e participam dos movimentos como a Marcha das Vadias: o desejo de um mundo mais justo com as mulheres.

A Facilitadora resume com uma citação de Audre Lorde que foi uma escritora caribenha-americana, feminista interseccional, lésbica e ativista dos direitos civis. *“Não sou livre enquanto outra mulher for prisioneira mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas”*.

VIII. REFERÊNCIAS

- [1] SLUTWALK. In: WIKIPEDIA, the free encyclopedia. Disponível em: <<https://en.wikipedia.org/wiki/SlutWalk>> Acesso em: 31/05/2017.
- [2] FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. “Mulheres brasileiras e gênero nos espaços público e privado”. Pesquisa de opinião pública. Agosto 2010. Disponível em: <<http://www.apublica.org/wp->

- content/uploads/2013/03/www.fpa_.org_.br_sites_default_files_pesquisaintegra.pdf> Acesso em: 31/05/2017.
- [3] HUFFPOST BRASIL. “Qual é seu feminismo? Conheça as principais vertentes do movimento”. Janeiro 2017. Disponível em: <http://www.huffpostbrasil.com/2015/06/14/qual-e-o-seu-feminismo-conheca-as-principais-vertentes-do-movim_a_21680114/> Acesso em: 31/05/2017.
- [4] VASCONCELOS, M. E.; OLIVEIRA, M.F. “O combate à ociosidade e à marginalização dos libertos no pós-emancipação”. 2011. Disponível em: <http://www.cesjf.br/revistas/cesrevista/edicoes/2011/08_HISTORIA_OCombate.pdf> Acesso em: 31/05/2017.
- [5] COLETIVO MARCHA DAS VADIAS RECIFE. “Carta de princípios do Coletivo Marcha das Vadias Recife”. Agosto 2013. Disponível em: <<https://marchadasvadiasrecife.wordpress.com/2013/08/12/3/>> Acesso em: 31/05/2017.
- [6] AUDRE LORDE. In: WIKIPEDIA, the free encyclopedia. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Audre_Lorde> Acesso em: 31/05/2017.